

**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
GAB CMT EX – CIE  
ESCOLA DE INTLG MIL DO EXÉRCITO**



**CURSO AVANÇADO DE INTELIGÊNCIA PARA OFICIAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**



**A INTELIGÊNCIA MILITAR EM APOIO AO *TARGETING* NO NÍVEL  
OPERACIONAL**

**Brasília  
2024**

Maj RENAN DO NASCIMENTO **BERNARDES**

**A INTELIGÊNCIA MILITAR EM APOIO AO *TARGETING* NO NÍVEL  
OPERACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Inteligência  
Militar do Exército, como requisito  
para a coleta do Grau de Pós-  
graduação *Lato Sensu* de  
**Especialização em Análise de  
Inteligência.**

Orientador: Ten Cel RENATO SERGIO BARBOSA **PASSERI**

**Brasília  
2024**

B522i Bernardes, Renan do Nascimento

A Inteligência Militar em apoio ao *targeting* no nível operacional / Renan do Nascimento Bernardes - 2024.

34 f.

Orientador: Renato Sergio Barbosa Passeri.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Análise de Inteligência)  
- Escola de Inteligência Militar do Exército (EsIMEx), Brasília – DF, 2024.

1. *Targeting*. 2. Inteligência Militar. 3. Metodologia do *Targeting*. 4. Seleção de Alvos. 5. O Lig *Targeting*. I. Título.

Maj RENAN DO NASCIMENTO **BERNARDES**

**A INTELIGÊNCIA MILITAR EM APOIO AO *TARGETING* NO NÍVEL OPERACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Inteligência Militar do Exército, como requisito para a coleta do Grau de Pós-graduação *Lato Sensu* de **Especialização em Análise de Inteligência.**

Aprovado em \_\_\_\_de\_\_\_\_de 2024.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO:

---

CARLOS ROGÉRIO DE FREITAS **PACCIULLI** - TC - Presidente  
Escola de Intlg Mil do Exército

---

RENATO SERGIO BARBOSA **PASSERI** - TC - Membro  
Escola de Intlg Mil do Exército

---

**VLADIMIR MEDEIROS COSTA** - TC - Membro  
Escola de Intlg Mil do Exército

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar como a Inteligência Militar no Nível Operacional pode contribuir para o processo de selecionar e priorizar alvos e combinar a resposta apropriada a eles, conhecido como *targeting*. O estudo trata da utilização dos produtos e atividades da célula de Inteligência, particularmente daqueles evidenciados no Nível Operacional, em proveito da metodologia do *targeting*. Para tanto, foi apresentado o funcionamento do processo de *targeting*, especialmente nos exércitos dos EUA e da OTAN, destacando a finalidade da metodologia, as principais funções e os principais produtos. Também foram descritos os trabalhos da função de combate Inteligência no âmbito do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas durante o desencadeamento de Operações Conjuntas e, por fim, como essas atividades cooperam para a célula de *targeting* em funcionamento no mesmo Estado-Maior. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica em manuais doutrinários (brasileiros e estrangeiros), trabalhos científicos e publicações em revistas e periódicos militares renomados, seguida da análise dos dados coletados e discussão dos resultados obtidos. Na conclusão, foi ratificada a importância da utilização do processo de *targeting* nos combates modernos e em todos os escalões, a fim de proporcionar a seleção e priorização de alvos, a aplicação eficaz de recursos e a avaliação contínua dos efeitos das ações, garantindo a neutralização de ameaças e o alcance dos objetivos com oportunidade e eficiência.

Palavras-chave: *Targeting*. Inteligência Militar. Metodologia do *Targeting*. Seleção de Alvos. O Lig *Targeting*.

## **ABSTRACT**

This work aims to present how Military Intelligence at the Operational Level can contribute to the process of selecting and prioritizing targets and matching the appropriate response to them, known as targeting. The study addresses the use of products and activities of the Intelligence cell, particularly those evidenced at the Operational Level, in support of the targeting methodology. Therefore, the functioning of the targeting process was presented, especially in the armies of the USA and NATO, highlighting the purpose of the methodology, the main functions, and the main products. The work of the Intelligence combat function within the Joint Staff of the Armed Forces during the deployment of Joint Operations was also described, and finally, how these activities cooperate with the targeting cell operating in the same Joint Staff. The methodology used was bibliographic research in doctrinal manuals (Brazilian and foreign), scientific papers, and publications in renowned military magazines and journals, followed by the analysis of the collected data and discussion of the results obtained. In conclusion, the importance of using the targeting process in modern combat and at all levels was reaffirmed, in order to provide target selection and prioritization, effective resource application, and continuous evaluation of the effects of actions, ensuring the neutralization of threats and the achievement of objectives with timeliness and efficiency.

Keywords: Targeting. Military Intelligence. Targeting Methodology. Target Selection. Liaison Officer of Targeting.

## LISTA DE FIGURAS

|           |                                    |    |
|-----------|------------------------------------|----|
| Figura 1: | Metodologia e Recursos do D3A..... | 17 |
| Figura 2: | TAE – Mapa Mental.....             | 31 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|                        |   |
|------------------------|---|
| ADC                    | Avaliação de Danos de Combate   |
| AAV                    | Alvos de Alto Valor   |
| Bda                    | Brigada   |
| CICOp                  | Centro de Inteligência do Comando Operacional                                     |
| C Op                   | Comando Operacional   |
| C Ex                   | Corpo de Exército   |
| DMT                    | Doutrina Militar Terrestre  |
| DE                     | Divisão de Exército   |
| DOAMEPI                | Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura |
| EMCj                   | Estado-Maior Conjunto   |
| EMCFA                  | Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas  |
| EUA                    | Estados Unidos da América   |
| EB                     | Exército Brasileiro   |
| EFD                    | Estado Final Desejado   |
| FTC                    | Força Terrestre Componente  |
| FA                     | Forças Armadas  |
| F Cte                  | Forças Componentes  |
| Intlg                  | Inteligência  |
| Intlg Mil              | Inteligência Militar  |
| LAAV                   | Lista de Alvos de Alto Valor  |
| MTIC                   | Meios de Tecnologia da Informação e Comunicações                                  |
| NI                     | Necessidades de Inteligência  |
| O Lig <i>Targeting</i> | Oficial de Ligação de <i>Targeting</i>  |
| Op Cj                  | Operações Conjuntas   |
| OTAN                   | Organização do Tratado do Atlântico Norte   |
| PI                     | Pedido de Inteligência  |
| RICOp                  | Rede de Inteligência do Comando Operacional                                       |
| SISBIN                 | Sistema Brasileiro de Inteligência  |
| SINDE                  | Sistema de Inteligência de Defesa   |
| SIOP                   | Sistema de Inteligência Operacional   |
| TAE                    | Técnica de Avaliação Estruturada  |
| TI                     | Tecnologia da Informação  |



## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>2</b> | <b>O PROCESSO DE <i>TARGETING</i>.....</b>   | <b>11</b> |
| 2.1      | OS PARTICIPANTES DO <i>TARGETING</i> .....   | 12        |
| 2.2      | A METODOLOGIA DO <i>TARGETING</i> (D3A).....   | 13        |
| 2.2.1    | <b>1ª Fase – Decidir.....</b>  | <b>14</b> |
| 2.2.2    | <b>2ª Fase – Detectar.....</b>   | <b>15</b> |
| 2.2.3    | <b>3ª Fase – Disparar (Engajar).....</b>   | <b>16</b> |
| 2.2.4    | <b>4ª Fase – Avaliar.....</b>  | <b>16</b> |
| 2.3      | O <i>TARGETING</i> NO ESCALÃO BRIGADA.....   | 18        |
| 2.4      | O <i>TARGETING</i> NOS ESCALÕES CORPO DE EXÉRCITO E DIVISÃO DE EXÉRCITO.....         | 19        |
| 2.5      | O <i>TARGETING</i> NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS.....                                      | 20        |
| <b>3</b> | <b>A INTELIGÊNCIA MILITAR NO NÍVEL OPERACIONAL.....</b>                              | <b>22</b> |
| 3.1      | A INTELIGÊNCIA MILITAR NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS.....                                  | 23        |
| <b>4</b> | <b>A INTELIGÊNCIA MILITAR NO NÍVEL OPERACIONAL EM APOIO AO <i>TARGETING</i>.....</b> | <b>26</b> |
| 4.1      | A INTELIGÊNCIA MILITAR EM APOIO AO <i>TARGETING</i> – EXEMPLO HIPOTÉTICO.....        | 30        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>  | <b>32</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>34</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o manual de campanha norte americano "*Army Targeting*" (EUA, 2023, p. vii) o *targeting* frequentemente determina o sucesso ou fracasso do comandante. Esse processo objetiva a identificação e priorização de alvos no campo de batalha, alocando os recursos necessários para engajá-los.

Diante da crescente importância desse processo nas Operações Militares atuais, surge a necessidade de investigar como as Forças Armadas (FA), em especial o Exército Brasileiro (EB), ao utilizar o conceito de *targeting*, pode estruturar o apoio da Inteligência Militar (Intlg Mil) no nível Operacional, para otimizar o processo de *targeting* e aprimorar a eficácia das Operações. Isso se torna ainda mais relevante considerando que o *targeting* não encontra amparo na doutrina atual.

O Manual de Campanha *Army Targeting* destaca a importância da Intlg Mil no processo de *targeting*, afirmando que:

O *targeting* do Exército, alimentado por um suporte de Inteligência focado, é fundamental para o sucesso Operacional. Ela fornece informações críticas sobre os alvos, permitindo que os comandantes tomem decisões sobre quais alvos atacar e como fazê-lo (EUA, 2023, p. Vii, tradução nossa).

Dessa forma, este trabalho buscou analisar o funcionamento do processo de *targeting* no Exército dos Estados Unidos da América (EUA) e no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com foco nas contribuições da Inteligência (Intlg). Além disso, buscou entender as capacidades da Intlg Mil, especialmente no nível Operacional, propondo ao final como ela poderá apoiar o processo de *targeting*.

Para isso, a presente pesquisa se enquadrou no tema do *targeting* e teve como problema: como a Intlg Mil poderá apoiar o processo de *targeting*, especialmente no nível Operacional, uma vez que esse processo não encontra previsão na Doutrina de Operações Conjuntas e na Doutrina Militar Terrestre (DMT).

---

<sup>1</sup> Oficial de Artilharia do Exército Brasileiro - Academia Militar das Agulhas Negras. Pós-graduado em Ciências Militares - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Com o intuito de coletar subsídios que possibilite formular uma provável solução para o problema apresentado, serão usados procedimentos como pesquisa bibliográfica em manuais doutrinários, trabalhos científicos e publicações em revistas militares. A análise dos dados coletados levará à discussão dos resultados e conclusões baseadas nos argumentos desenvolvidos ao longo do processo.

O trabalho, ainda, teve por objetivo geral analisar como a Intlg Mil poderá contribuir com o processo de *targeting* de maneira eficiente e apresentar uma proposta de atualização da doutrina que sirva a esse propósito. Como objetivos específicos e com a finalidade de atender o acima exposto, o presente trabalho trará no seu segundo capítulo a definição do processo de *targeting*, baseando-se nos exércitos dos EUA e da OTAN. No terceiro capítulo serão abordadas as características da Intlg Mil no nível Operacional. Já no quarto capítulo, será explicado como os produtos da Intlg podem contribuir de maneira efetiva em apoio ao *targeting*, gerando as conclusões que serão discutidas e apresentadas como quinto capítulo.

Por fim, este trabalho buscou contribuir para o desenvolvimento doutrinário das Forças Armadas, visando o aprimoramento das Operações, especialmente no Nível Conjunto. Ao fornecer uma análise de como a Inteligência Militar pode ser integrada no processo de *targeting*, espera-se que este estudo sirva como base para futuras revisões doutrinárias e para a implementação de práticas mais eficientes no engajamento de alvos. Portanto, este trabalho não apenas responde à necessidade imediata de implementação do *targeting*, mas também se alinha aos objetivos de longo prazo.

## 2 O PROCESSO DE TARGETING

O manual *Army Targeting* define *targeting* como:

O *targeting* é o processo de selecionar e priorizar alvos e combinar a resposta apropriada a eles, considerando requisitos operacionais e capacidades. É uma parte integrante do processo de operações que organiza os esforços do comandante e da equipe para integrar e sincronizar os fogos nas operações. O *targeting* busca criar efeitos desejados específicos por meio de ações letais e não letais (EUA, 2023, p. 1-2, tradução nossa).

Corroborando a definição de *targeting* citada anteriormente, a *Joint Targeting School* (JTS, 2017) da Inglaterra, define *targeting* como o processo de identificar, priorizar e selecionar alvos para ações futuras, visando alcançar os objetivos estratégicos e operacionais de uma operação conjunta. O *targeting* envolve a análise detalhada de alvos potenciais, a determinação de objetivos de *targeting* específicos e a coordenação de esforços para atingir esses objetivos de forma eficaz e eficiente. Além disso, o *targeting* abrange a avaliação de efeitos desejados, a seleção de meios para atingir esses efeitos e a avaliação contínua do progresso e impacto das ações de *targeting* realizadas.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) possui um manual intitulado “*Allied Joint Doctrine for Joint Targeting*” que regula o processo de *targeting* no âmbito dos países membros. Descreve o *targeting* como:

Um processo que envolve a seleção e priorização de alvos e que encontra uma resposta apropriada para eles, considerando os requisitos operacionais e capacidades disponíveis, com o objetivo de criar os efeitos desejados de acordo com os objetivos do comandante (OTAN, 2021, p. 1-1, tradução nossa).

Portanto, o *targeting* se configura como um importante processo nas operações militares, viabilizando a consecução dos objetivos estabelecidos. Através da análise metódica de alvos potenciais, da avaliação de suas relevâncias e da alocação adequada de recursos, o *targeting* garante o engajamento de elementos que dificultam ou impedem o cumprimento da missão. Assim, otimiza-se a aplicação do poder militar e minimizam-se as perdas de pessoal militar e civil.

## 2.1 OS PARTICIPANTES DO *TARGETING*

Recorrendo novamente ao manual *Army Targeting*, são listadas as funções-chave para o desenvolvimento do *targeting*, com a ressalva de que os escalões mais baixos, como a Brigada (Bda), não contarão com todas as especialidades. As principais funções, com as respectivas responsabilidades, são:

**Comandante:** além de ser o responsável pelo *targeting*, aprova a Lista de Alvos de Alto Valor (LAAV), as Normas de Seleção de Alvo, a Matriz de Sincronização de *Targeting*, a Matriz de Orientação de Ataque e o Plano de Obtenção do Conhecimentos (EUA, 2023, p. 1-8).

**Oficial de Inteligência:** responsável por fornecer suporte de Intlg para o *targeting*. Identifica, monitora e avalia ameaças, coordenando com o G-3 para integrar e supervisionar a coleta de informações. Identifica o poder de combate das forças inimigas até dois níveis abaixo e fornece informações sobre a situação inimiga atual, capacidades e Alvos de Alto Valor (AAV) (EUA, 2023, p. 1-8).

**Oficial de Inteligência-Targeting:** função específica do escalão Divisão de Exército (DE) e superiores. Integra o suporte de Intlg ao *targeting*, mantém o banco de dados de alvos atualizado e aplica critérios de seleção de alvos. Relata alvos de alta prioridade ao oficial de Inteligência de Artilharia de Campanha. Participa do grupo de trabalho de *targeting* e assegura que o E-2 tenha alvos de alta prioridade atualizados. Conduz avaliações de danos de combate, recomenda reataques e participa de eventos de ritmo de batalha do *targeting* (EUA, 2023, p. 1-9).

**Gerente de Coleta:** fundamental para o *targeting* no Exército. Integra e sincroniza recursos de coleta, desenvolve requisitos de Intlg prioritários e coordena meios adicionais. Prioriza meios de coleta para apoiar os objetivos do comandante e designa áreas de alvos de interesse. Garante que os tempos de coleta estejam sincronizados com a matriz de *targeting* e participa dos eventos do ritmo de batalha (EUA, 2023, p. 1-9).

**Oficial de Operações -** supervisiona tarefas em apoio ao *targeting* publicando a orientação diária do comandante, que inclui objetivos e orientação de *targeting*. Dissemina objetivos de *targeting*, efeitos, área de alvos de interesse e tarefas de *targeting* para comandos subordinados (EUA, 2023, p. 1-10).

**Oficial de Inteligência de Artilharia de Campanha:** a partir do escalão Bda, facilita o desenvolvimento, nomeação, priorização e execução de alvos. Participa da

tomada de decisão, elaborando a LAAV, padrão de seleção de alvos, matriz guia de ataque e critérios de avaliação. Integra sistemas de fogos e Intlg para detecção, execução e avaliação de alvos. Coordena com escalões pares e superiores, elementos de Intlg subordinados e Brigadas e Companhias de Intlg para desenvolver e priorizar alvos. Desenvolve áreas de interesse e coordena com o gerente de coleta e organizações de Intlg para criar alvos potenciais, auxiliando para alvos de um estado-maior conjunto no desenvolvimento básico, intermediário e avançado de alvos (EUA, 2023, p. 1-12).

Além das funções já destacadas anteriormente, participam, ainda, das atividades de *targeting* as seguintes especialidades: Assessor Jurídico, Oficial de Meteorologia, Oficial de Planejamento, Oficial de Operações Futuras, Oficial de Operações Correntes, Chefe de Fogos, Coordenador de Apoio de Fogos, Oficial de Ligação Aérea, Oficial de *Targeting*, Oficial de Guerra Cibernética, Oficial de Operações de Informação, Oficial de Operações Especiais, Oficial de Assuntos Cíveis, Oficial de Operações Psicológicas, Oficial de Defesa Aérea e anti-mísseis, Chefe de Proteção DQBRN, Oficial de Engenharia, Oficial de Logística e Oficiais de Ligação (EUA, 2023, p. 1-13,1-14).

Ao tomar conhecimento das responsabilidades de algumas funções exercidas nas atividades de *targeting*, é possível verificar a existência de militares que atuam como elo entre o processo de *targeting* e a Intlg Mil. Essa constatação aponta uma direção que poderá auxiliar na resposta ao problema elencado para esta pesquisa.

## 2.2 A METODOLOGIA DO *TARGETING* (D3A)

A partir deste ponto, será tratada a dinâmica do processo de *targeting* propriamente dito, considerando que já se compreende sua importância, principais atores e responsabilidades. Cabe ressaltar que não é objetivo do presente trabalho se aprofundar na metodologia do *targeting*, mas sim fornecer uma abordagem superficial. Dessa forma, criaremos as bases necessárias para entender como a atividade de Intlg Mil poderá apoiá-lo.

Segundo o manual americano, a utilização da metodologia de *targeting* se justifica pelo seguinte motivo:

Durante um conflito os alvos excedem em muito o número de recursos disponíveis para adquirir e criar os efeitos desejados. É fundamental que o

quartel-general superior forneça orientações adequadas e antecipe as necessidades que os subordinados possam ter. O *targeting* é um processo orientado de cima para baixo com uma necessidade substancial de refinamento de baixo para cima [...] a importância de quais alvos atacar e com quais capacidades disponíveis devem ser planejadas e priorizadas (EUA, 2023, p. 2-1, tradução nossa).

A metodologia adotada pelo Exército dos Estados Unidos é o processo D3A. Ela fornece um método eficaz para combinar as capacidades das forças amigas contra os alvos inimigos, a fim de alcançar os efeitos desejados pelo comandante (EUA, 2023, p. 2-1).

Existem duas maneiras gerais de estruturar a metodologia D3A. Durante o planejamento, a equipe utiliza a metodologia como um processo para auxiliar no desenvolvimento de produtos e visualização, é utilizada a fim de determinar os alvos corretos, no lugar certo, no momento certo. É usada, ainda, para tomar decisões e aplicar as capacidades necessárias para criar os efeitos desejados.

Como um processo integrador durante a execução, a segunda aplicação permite que a equipe aplique os produtos de *targeting* (lista de AAV, padrão de seleção de alvos, matriz guia de ataque, matriz de sincronização de coleta de Inteligência, matriz de sincronização de *targeting*) para facilitar as operações.

A equipe está continuamente tomando decisões, ajustando métodos ou locais de detecção e revisando opções de engajamento com base em mudanças nos cursos de ação da ameaça. D3A é um processo flexível, simples, repetível de quatro funções e não é projetado para ser limitado pelo tempo ou rigidamente sequencial (EUA, 2023, p. 2-1, tradução nossa).

A metodologia D3A (*Decide, Detect, Deliver, Assess*) é dividida em quatro fases: Decidir, Detectar, Disparar (Engajar) e Avaliar, conforme o manual FM 3-60:

- **Decidir** o que, quando, onde e como empregar capacidades contra alvos.
- **Detectar** alvos.
- **Engajar** com o emprego das capacidades apropriadas para criar os efeitos desejados.
- **Avaliar** os efeitos do engajamento (EUA, 2023, p. 2-2).

### 2.2.1 1ª Fase – Decidir

Os produtos provenientes da fase Decidir, de acordo com o manual *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 2-2), são os seguintes:

- **LAHV** (*High-Payoff Target List - HPTL*) que tem por finalidade identificar e priorizar os alvos que são considerados críticos para o sucesso da missão;
- **Padrões de Seleção de Alvos** (*Target Selection Standards - TSS*) é utilizada para analisar e priorizar os alvos com base em critérios específicos, como importância estratégica e viabilidade de ataque;

- **Matriz Guia de Ataque** (*Attack Guidance Matrix - AGM*) que aborda quais alvos serão atacados, como, quando e os efeitos desejados;
- **Matriz de Sincronização da Coleta de Informações** (*Information Collection Synchronization Matrix - ICSM*) direciona a coleta para atender os Requisitos de Informações Prioritárias (*Priority Intelligence Requirements – PIRs*) e identificar AAV.
- **Matriz de Sincronização de Targeting** que visualmente ilustra os AAV e lista alvos específicos com suas localizações em cada categoria.

### 2.2.2 2ª Fase – Detectar

Na fase de detecção, segundo (EUA, 2023, p. 2-6) o gerente de coleta desempenha um papel fundamental nesse esforço, sendo planejado durante a fase de Decidir e conduzido durante a execução da ordem de operações. Para cada AAV, a célula determina uma capacidade em primeira prioridade e uma alternativa para detectá-lo.

O sucesso na detecção oportuna de alvos depende de um plano abrangente de coleta de informações que direcione os esforços para responder aos Requisitos de Informações Prioritárias e identificar AAV (EUA, 2023, p. 2-6).

A primeira parte da função de detecção é a identificação positiva. Isso envolve confirmar qual meio de ameaça adquirida na coleta é de fato um AAV. Dependendo da capacidade de coleta dessa aquisição inicial, pode ser necessário direcionar outro recurso para confirmar a identificação do alvo. Os AAV móveis apresentam um requisito adicional dentro da fase de detecção. O rastreamento frequentemente é necessário para manter a localização atual do alvo (EUA, 2023, p. 2-7, tradução nossa).

Quando um AAV é detectado, as informações são rapidamente disseminadas para o Oficial de Inteligência de Artilharia de Campanha, ou Oficial de *Targeting* designado, localizado na célula de Intlg para ação necessária (EUA, 2023, p. 2-7). Cabe destacar, que mais uma vez o manual cita a articulação entre oficiais da célula de *targeting*, em conjunto com a célula de Intlg, sendo desta vez citado que esses militares estão localizados na célula de Intlg.

Por fim os meios inimigos levantados na fase da detecção são repassados do G-2 para o elemento de apoio de fogo (*Fire Support Element - FSE*) para execução. Essa transmissão é realizada por diversos meios, sejam digitais ou analógicos. É importante que as informações essenciais sejam repassadas para que a análise e o engajamento adequados ocorram. No mínimo, o relatório do alvo (digital ou analógico) deve incluir o seguinte: tipo de sensor, Grupo de Data e Hora do Relatório



e da Aquisição, descrição do alvo, postura, atividade, tamanho do alvo, localização do alvo e tempo de permanência (EUA, 2023, p. 2-7).

### 2.2.3 3ª Fase – Disparar (Engajar)

Seguindo para a terceira etapa, o engajamento é responsabilidade do Coordenador de Apoio de Fogo, segundo a revista *Fires* (SHINE, 2018). Assim como na fase de detecção, a célula identifica uma capacidade em primeira prioridade e uma alternativa para atacar cada AAV, conforme ele é detectado.

Esta fase, conforme descrito no manual de campanha *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 2-8), executa a orientação de ataque ao alvo e apoia a ordem de operações do comandante uma vez que os AAV tenham sido localizados e identificados positivamente. O principal objetivo é criar efeitos conforme planejado na fase de decisão e de acordo com a orientação do comandante.

Os alvos não planejados ou não antecipados sempre têm o potencial de serem identificados durante as operações. Os alvos de oportunidade são processados da mesma forma que os alvos planejados, eles são primeiramente avaliados para determinar quando, ou se devem ser engajados. A decisão de engajar alvos de oportunidade segue a orientação de engajamento e é baseada em diversos fatores, como: criticidade do alvo, atividade do alvo (risco para as forças amigas) e tempo de permanência (EUA, 2023, p. 2-8).

O engajamento de alvos deve satisfazer a orientação de targeting desenvolvida na fase de decisão e ser integrado ao esquema de manobra. O engajamento de alvos requer várias decisões e ações. Essas considerações se dividem em duas categorias: táticas e técnicas.

As considerações táticas são: momento do engajamento, efeito desejado, grau de dano, ou ambos, capacidade a ser utilizada para o engajamento e potencial para danos colaterais.

As considerações técnicas são: número, tipo e duração do efeito (munição/carga), unidade/agência/organização responsável por conduzir o engajamento (EUA, 2023, p. 2-9, tradução nossa).

### 2.2.4 4ª Fase – Avaliar

Por fim, a quarta e última etapa, segundo (SHINE, 2018), é a de avaliação, de responsabilidade do Oficial de Inteligência, que conta com o apoio do Suporte Aéreo Aproximado, para verificar o atingimento do efeito desejado sobre o alvo e finalizar o ciclo D3A.

A avaliação ocorre em todos os níveis e em toda a gama de operações militares, conforme afirma o manual de campanha *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 2-

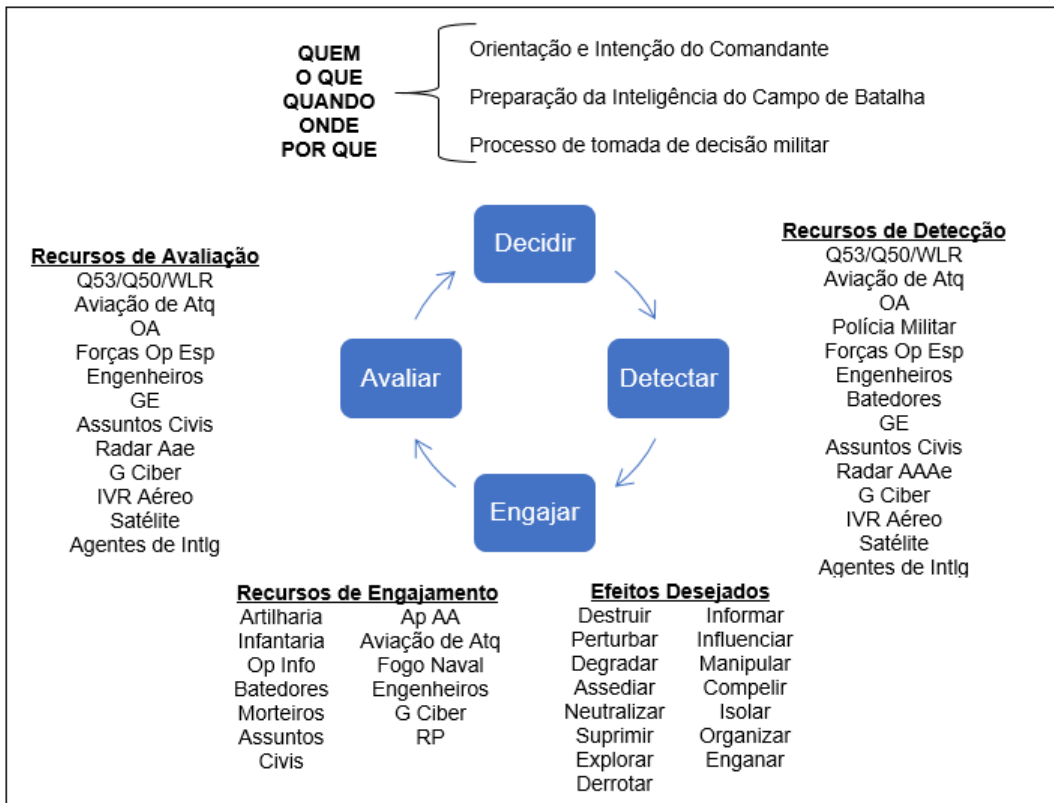
11). As equipes auxiliam o comandante monitorando os diversos aspectos que podem influenciar o resultado das operações e fornecem informações oportunas necessárias para a tomada de decisões.

A avaliação de combate é a determinação da eficácia geral do emprego da força durante operações militares. A avaliação de combate é composta por três elementos: avaliação de danos de combate, avaliação da eficácia das munições e recomendação de reataque (EUA, 2023, p. 2-11, tradução nossa).

A Avaliação de Danos de Combate (ADC) inclui as forças conhecidas ou estimadas da unidade inimiga, sistemas de armas inimigas degradados, neutralizados ou destruídos, e todo o pessoal inimigo capturado, ferido ou morto durante o período de relatório. Os resultados da ADC podem alterar planos e decisões anteriores (EUA, 2023, p. 2-11).

Compreender a metodologia D3A em si é bastante simples, mas o pensamento criativo e a sincronização de recursos necessários para ter sucesso durante as operações requerem repetição e experiência. Existem ferramentas disponíveis para auxiliar a equipe de *targeting* na execução eficaz e eficiente. Uma lista de verificação de *targeting* que abrange a metodologia D3A está descrita no diagrama abaixo. A figura fornece um exemplo visual de ativos e efeitos desejados que podem ser usados durante cada função da metodologia (EUA, 2023, p. 2-15, tradução nossa).

Figura 1 – Metodologia e Recursos do D3A.



Fonte: FM 3-60: *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 2-15), modificado pelo autor.

### 2.3 O *TARGETING* NO ESCALÃO BRIGADA

Após a compreensão da metodologia D3A, será discutido como o processo de *targeting* é desenvolvido nos diversos escalões, iniciando pela Brigada (Bda), passando pelos escalões Divisão de Exército (DE) e Corpo de Exército (C Ex), até as Operações Conjuntas (Op Cj).

O *targeting* no nível tático é amplamente definido pela capacidade de pessoal e equipamento. O número de pessoal na Brigada é muito menor do que o de um Corpo de Exército ou Exército de Campanha. A equipe de comando e o time de *targeting* devem avaliar a capacidade e os requisitos para determinar a viabilidade e o nível de detalhe ao aplicar a metodologia D3A. A Brigada é realisticamente o primeiro escalão onde um processo formal será conduzido. A aplicação da metodologia será muito semelhante em cada escalão; no entanto, os processos e procedimentos podem ser abreviados. As decisões de *targeting* em um escalão superior afetam as decisões de *targeting* em escalões subordinados. A equipe da Brigada pode usar os produtos de *targeting* da Divisão ou produzir os seus próprios, dependendo do tempo e do pessoal disponível, para coordenar e integrar ações de *targeting*. A Brigada se concentrará em sincronizar meios para atender aos objetivos do comandante dentro de sua área de operações atribuída e enviar solicitações de apoio ou indicações de alvos para a Divisão para efeitos que não conseguem criar com a capacidade organizada por tarefa ou ativos e facilitadores orgânicos. O *targeting* nesse escalão geralmente é mais focado em sistemas de ameaça específicos, equipamentos ou indivíduos do que em capacidades ou funções de ameaça maiores, como sistemas integrados de defesa aérea, comandos integrados de fogos ou logística. (EUA, 2023, p. 3-1, tradução nossa)

Conforme já destacado no manual FM 3-60 (EUA, 2023, p. 3-3), as Bda podem se basear nos produtos de *targeting* da DE para garantir a integração com o plano do escalão superior e economizar tempo. Isso não impede a célula da Bda de realizar funções de *targeting* inerentes para atender à intenção de seu próprio comandante.

A natureza acelerada e em constante mudança do campo de batalha no nível da Bda, segundo o manual (EUA, 2023, p. 3-3) apresenta desafios ao processo de *targeting*. A célula de *targeting* deve considerar, dentre outros, o tempo Operacional e ritmo da Bda (quando e onde os alvos serão adquiridos) e o fato de que os alvos geralmente são altamente móveis.

A revista *Fires* (SHINE, 2018), detalha que a forma de executar o processo de *targeting* na Bda envolve a realização de um *Targeting Working Group* (TWG) liderado pelo Coordenador de Apoio de Fogo. Durante o TWG, o *Targeting Officer* (TARGO) facilita a discussão, enquanto membros-chave da equipe, como o E3 (Operações), E2 (Intlg), *Fire Support Officer* (FSO) e *Information Collection Manager*

(ICM), participam ativamente. Além desses integrantes, a célula de *targeting* também conta com a participação de outras capacidades, como o Oficial de Ligação Aérea e o Oficial de Guerra Eletrônica.

Sobre os integrantes da célula de *targeting* no escalão Bda o manual estadunidense (EUA, 2023, p. 3-5) acrescenta que a célula de *targeting* geralmente inclui, além dos citados anteriormente: Assessor Jurídico; representantes de Operações e Inteligência do Batalhão de Artilharia de Campanha; O Lig dos Batalhões de Manobra, do Esquadrão de Reconhecimento e da Unidade de Engenheiros (se disponível); representante da equipe de controle tático aéreo; e Oficial de Assuntos Cíveis.

## 2.4 O *TARGETING* NOS ESCALÕES CORPO DE EXÉRCITO E DIVISÃO DE EXÉRCITO

Uma vez compreendido o desenvolvimento das atividades de *targeting* no escalão Brigada, serão analisados os escalões superiores, conforme o manual *Army Targeting*:

Corpos de Exército e Divisões de Exército devem operar em todos os domínios. O *targeting* nesses escalões requer a integração e sincronização de mais organizações, elementos e capacidades para criar os efeitos desejados dentro de um **ambiente conjunto**. O *targeting* nesse escalão é complicado pela expansão de papéis e um alcance operacional maior. Este é também o primeiro escalão onde a delimitação da metodologia D3A e do Ciclo de *Targeting Conjunto* deve ocorrer. É crucial para as equipes de *targeting* da Divisão e Corpo entenderem definitivamente sua organização de tarefas e as capacidades orgânicas de suas formações respectivas (EUA, 2023, p. 4-1, tradução nossa, grifo do autor).

De acordo com o *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 4-3), as funções de *targeting* nos escalões C Ex e DE se expandem em comparação com a Bda. A célula de *targeting* deve considerar os requisitos conjuntos ao funcionar como uma Força-Tarefa Conjunta (*Joint Task Force – JTF*) ou Comandante do Componente Terrestre da Força Conjunta.

Em relação ao suporte de Intlg nos C Ex e DE, o manual de campanha *Army Targeting* (EUA, 2023, p. 4-6) afirma que as capacidades de Intlg dos C Ex e DE fornecem detecção, identificação e disseminação rápidas de AAV do inimigo, todos essenciais para o *targeting* oportuno. Cada C Ex possui um Batalhão de Inteligência e Guerra Eletrônica Expedicionária para aprimorar as capacidades de coleta e busca

de Intlg do C Ex e DE e a capacidade de detectar, localizar, identificar e rastrear alvos em vários domínios.

## 2.5 O *TARGETING* NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS

Na manual de Doutrina de Operações Conjuntas dos EUA (2013, p. II-3), os trabalhos desenvolvidos na célula de *targeting* - Ciclo de *Targeting* Conjunto - são divididos em seis fases, sendo elas:

**Fase 1:** Estado Final e Objetivos do Comandante; **Fase 2:** Desenvolvimento e Priorização de Alvos; **Fase 3:** Análise de Capacidades; **Fase 4:** Decisão do Comandante e Atribuição de Forças; **Fase 5:** Planejamento de Missão e Execução de Forças; e **Fase 6:** Avaliação (EUA, 2013, p. II-3).

O ciclo de *targeting* nas Op Cj não é limitado pelo tempo nem rigidamente sequencial. As etapas podem ocorrer simultaneamente, mas ele fornece um arcabouço essencial para descrever as etapas que devem ser cumpridas para conduzir o *targeting* conjunto com sucesso. A natureza deliberada e dinâmica do ciclo de *targeting* conjunto apoia o planejamento e a execução das operações conjuntas, fornecendo a profundidade e flexibilidade necessárias para apoiar a intenção do comandante à medida que surgem oportunidades e os planos mudam (EUA, 2013, p. II-3, tradução nossa).

Cabe um destaque para a quinta fase – Execução, quando surge a necessidade de engajar, especialmente, alvos sensíveis ao tempo ou de oportunidade. Nessa ocasião utiliza-se a metodologia F2T2EA, também conhecida como "cadeia de eliminação" (EUA, 2013, p. II-23).

Essa metodologia envolve os seguintes passos: **1. Encontrar** (*Find*): Detectar alvos emergentes e caracterizá-los para posterior processamento; **2. Fixar** (*Fix*): Determinar a localização precisa do alvo por meio de informações de sensores; **3. Rastrear** (*Track*): Monitorar o alvo para garantir sua identificação contínua; **4. Direcionar** (*Target*): Selecionar o alvo para engajamento com base em sua importância estratégica ou ameaça Operacional; **5. Engajar** (*Engage*): Executar a ação de engajamento contra o alvo selecionado; e **6. Avaliar** (*Assess*): Avaliar os resultados do engajamento (EUA, 2013, p. II-21 - II-30).

Quando se compara a metodologia D3A e a F2T2EA, o próprio manual estadunidense afirma que:

As forças terrestres e marítimas normalmente utilizam um processo inter-relacionado para aprimorar o planejamento de apoio de fogo conjunto e interagir com o ciclo de *targeting* conjunto, conhecido como metodologia

*Decide, Detect, Deliver, Assess (D3A)*. O D3A incorpora as mesmas funções fundamentais do ciclo de *targeting* conjunto e opera dentro da fase 5 do ciclo de *targeting* conjunto. A metodologia D3A facilita a sincronização de Manobra, Inteligência e Apoio de Fogo (EUA, 2013, p. C-1, tradução nossa).

Nas operações conjuntas dos exércitos da OTAN, existe a flexibilidade na utilização dos dois processos (D3A e F2T2EA), além de um terceiro (F3EAD) que normalmente é utilizado pelas Forças Especiais, pois estão voltados aos Alvos Individuais de Alto Valor (AIAV). O manual da OTAN (OTAN, 2021, p. 5-2) afirma que os Comandantes e suas equipes podem utilizar diferentes processos de engajamento dentro do ciclo de *targeting*.

Ao longo deste capítulo, ficou evidenciado que o *targeting* se configura como um processo fundamental para a vitória, viabilizando a neutralização de alvos inimigos. Foi abordado o estudo do processo de *targeting* e suas metodologias D3A e F2T2EA, reconhecendo suas características, aplicabilidades e importância.

Cabe acrescentar que a atividade de Inteligência se destaca como transversal a todo o processo de *targeting*. Ela fornece informações essenciais para o ciclo de *targeting*, desde a identificação e priorização de alvos até a avaliação dos resultados. Sem conhecimento de Inteligência preciso e oportuno, o *targeting* se torna ineficaz, comprometendo o êxito da missão.

Demonstrada a importância da Inteligência para o *targeting*, o próximo capítulo se dedicará a explorar essa atividade no Nível Operacional, apresentando como ela se configura como o pilar fundamental para um *targeting* eficiente.

### 3 A INTELIGÊNCIA MILITAR NO NÍVEL OPERACIONAL

Os confrontos modernos estão evidenciando cada vez mais que a colaboração entre as Forças Armadas, marcada pela interoperabilidade, é a chave para alcançar o melhor desempenho da capacidade militar do país. Nesse contexto, o manual de Doutrina de Operações Conjuntas (Brasil, 2020, v.1, p. 94) afirma que dentro da concepção dos planejamentos voltados para o emprego conjunto das FA, a Atividade de Inteligência orienta, define procedimentos e atribui responsabilidades para os Níveis Estratégico, Operacional e Tático.

Segundo o Glossário das Forças Armadas (Brasil, 2015, p. 182), o Nível Operacional compreende o nível que planeja e conduz as operações requeridas pela guerra, em conformidade com a linha estratégica estabelecida.

Dessa forma, é factível inferir que a Intlg Mil no nível Operacional é aquela que auxiliará os responsáveis pelo planejamento e condução das operações militares, ou seja, os comandantes dos Comandos Operacionais ativados, que em sua maioria atuarão em Operações Conjuntas, pelas razões já elencadas anteriormente.

Segundo BRASIL (2020, v.1, p. 41), podem ser ativados os seguintes Comandos Operacionais: Comando do Teatro de Operações; Comando da Área de Operações; e Comando da Zona de Defesa.

Na iminência do desdobramento de um Comando Operacional, os sistemas de Inteligência deverão estar com os seus esforços direcionados para as necessidades desse Comando Operacional e do seu Estado-Maior Conjunto, de forma a possibilitar um monitoramento constante do TO, da Área de Operações e da Zona de Defesa. Para tal, deverão ser consideradas todas as fontes para a Atividade de Inteligência (Brasil, 2020, v.1, p. 95).

O Comando Operacional Conjunto é constituído pelo Comandante; Estado-Maior Conjunto (EMCj); Tropas do Cmdo Op (C<sup>2</sup>, Apoio Administrativo, Unidade de Polícia, Defesa Anti-Aérea, reserva etc.); e Forças Componentes (F Cte) (Brasil, 2020, v.1, p. 45).

Dessa forma, é possível verificar que a Intlg no nível Operacional é dependente dos meios de busca existentes nas F Cte, sejam elas Forças Singulares ou Forças Conjuntas, uma vez que o Comandante Operacional, em princípio, não deverá comandar, diretamente, meios ou forças militares, salvo em situações

temporárias e excepcionais e desde que isto possa, efetivamente, representar vantagens significativas em termos operacionais (Brasil, 2020, v.1, p. 48).

Corroborando para o entendimento do funcionamento da Intlg Mil no nível Operacional, BRASIL (2020, v.1, p. 106) afirma que o Ciclo de Intlg no nível Operacional é de responsabilidade do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA).

A mesma publicação ao descrever as atribuições do Chefe da Seção de Intlg (D-2) do EMCj, destaca que ele coordena as atividades de Intlg tendo o apoio dos representantes dos setores de Intlg das F Cte. Relata, ainda, que o D-2 prioriza o emprego dos meios ou das unidades de combate na busca e na coleta de dados de Intlg, realizando as devidas coordenações com as F Cte (Brasil, 2020, v.1, p. 54).

Durante o Planejamento Operacional de Emprego Conjunto das FA, após a análise das informações dos bancos de dados e documentações existentes, restarão as Necessidades de Inteligência (NI). Segundo o manual de Doutrina de Operações Conjuntas (Brasil, 2020, v.1, p. 96), estas NI serão organizadas, priorizadas e remetidas, por meio de Pedido de Inteligência (PI) ou por outros meios de acionamento, para os escalões subordinados de Intlg do Comando Operacional.

Assim, o EMCj ao solicitar, por meio do seu D-2, o apoio da Força Terrestre Componente (FTC) na busca e coleta de dados de Intlg, encontrará no Batalhão de Inteligência Militar o meio mais apropriado para o cumprimento dessa missão.

### 3.1 A INTELIGÊNCIA MILITAR NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS

A Inteligência é um pilar essencial na Doutrina de Operações Conjuntas, sendo responsável por fornecer informações que irão embasar os planejamentos estratégico, operacional e tático no emprego conjunto das FA. A determinação das NI, a coleta e análise de dados sobre o inimigo, a identificação de vulnerabilidades e a produção de conhecimentos integrados são aspectos-chave para o planejamento e execução bem-sucedidos das operações conjuntas. A constante atualização e compartilhamento de informações entre as F Cte são fundamentais para garantir a superioridade e eficácia nas ações militares (Brasil, 2020, v.1, p. 94).

Conforme constatado anteriormente, em uma situação de guerra a Intlg no nível Operacional estará, na maioria das vezes, auxiliando as operações de um Comando Operacional Conjunto. Nesse nível de atuação, o manual do Ministério da



Defesa (MD), que trata da Doutrina de Operações Conjuntas, faz a seguinte afirmação sobre a atividade de Intlg:

No Nível Operacional, a atividade de Inteligência é intensificada, pela integração dos conhecimentos disponíveis no Sistema de Inteligência Operacional (SIOP), no Sistema de Inteligência de Defesa (SINDE) e nos demais órgãos que compõem o Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN), a fim de suprir as necessidades de Inteligência, cujo levantamento já deverá ter sido iniciado ainda na etapa de Exame de Situação e Planejamento. Também serão atualizados os dados sobre o Teatro de Operações/Áreas de Operações e Zonas de Defesa (Brasil, 2020, v. 1, p. 23).

O SISBIN tem por objetivo integrar as ações de planejamento e execução da Atividade de Intlg do País, com a finalidade de fornecer subsídios ao Presidente da República nos assuntos de interesse nacional (Brasil, 2020, v.1, p. 87).

O SINDE integra as ações de planejamento e execução da Atividade de Inteligência de Defesa, com a finalidade de assessorar o processo decisório no âmbito do MD (Brasil, 2020, v.1, p. 87). Este sistema é gerenciado pela Subchefia de Inteligência de Defesa do EMCFA e o EB tem como representantes a 2ª Subchefia do Estado-Maior do Exército e o Centro de Inteligência do Exército.

O SIOP integra as ações de planejamento e execução da Atividade de Inteligência Operacional, com a finalidade de assessorar o processo decisório no âmbito das Operações Conjuntas (Brasil, 2020, v.1, p. 89). Este sistema é gerenciado pela Subchefia de Inteligência de Defesa do EMCFA e o EB tem como representante o Comando de Operações Terrestres.

Com o entendimento dos sistemas que irão suprir as Necessidades de Inteligência no nível Operacional, o manual de Doutrina de Operações Conjuntas fornece o conhecimento relativo à estrutura que irá gerenciar todas essas informações, o Centro de Inteligência do Comando Operacional (CICOp).

O CICOp é o setor da estrutura do D-2 responsável por gerenciar e coordenar a atividade de Inteligência Operacional voltada para a obtenção, integração e produção de conhecimentos, a fim de assessorar o Comandante Operacional e o seu Estado-Maior Conjunto com informações relevantes, coerentes, confiáveis e atualizadas das atividades e capacidades das Forças inimigas e das suas intenções, bem como do ambiente operacional (Brasil, 2020, v.1, p. 93).

O CICOp é responsável por estabelecer a arquitetura e política de troca de dados e informações no Comando Operacional, integrando bancos de dados e mantendo contato com agências de Inteligência, visando agilizar os Ciclos de Inteligência e Decisão. Além disso, gerencia o esforço de obtenção de informações,

priorizando a utilização dos meios de coleta para atender às necessidades de informação do Comando Operacional e das F Cte (Brasil, 2020, v.1, p. 93).

O manual de Doutrina das Operações Conjuntas reforça que a estrutura de Inteligência do Comando Operacional (C Op) deverá ser coordenada pelo D-2, direcionando o esforço de obtenção das F Cte por intermédio de um POC Conjunto (Brasil, 2020, v.1, p. 105).

Para a comunicação entre o C Op e as F Cte, o manual de Doutrina de Operações Conjuntas (Brasil, 2020, v.1, p. 94) afirma que a Rede de Inteligência do Comando Operacional (RICOp) é uma rede de Tecnologia da Informação (TI) que conecta as estruturas de Intlg do Comando Operacional e das F Cte, permitindo integrar as ações de planejamento e execução da atividade de Intlg. Ela é composta pelo CICOp e pelas estruturas de Intlg das F Cte, podendo incluir outras estruturas de Intlg, não exclusivamente militares, dependendo da situação.

Ainda no que se refere à troca de informações entre o CICOp e as F Cte, BRASIL (2020, v.1, p. 107) afirma que após ativado o C Op, abre-se o “Portal de Inteligência Operacional” do EMCFA. Esse portal oferece condições de acesso aos conhecimentos disponibilizados no banco de dados pelos elementos do EMCFA e das FA responsáveis por executar a atividade de Intlg no Nível Operacional.

Ao longo deste capítulo, foi explorado a Intlg Mil no Nível Operacional, destacando seu papel de protagonista no contexto das Op Cj. Foi salientada a relevância do CICOp como centro nevrálgico da Intlg, gerenciando e coordenando o fluxo de informações que alimentam o processo decisório. A RICOp e o Portal de Inteligência Operacional surgem como ferramentas essenciais para a integração e o compartilhamento de conhecimentos entre os diferentes atores envolvidos.

Através da análise da Intlg, foi possível compreender sua intrínseca relação com o *targeting* em Op Cj. A capacidade de fornecer informações atualizadas sobre os alvos inimigos configura-se como um elemento fundamental para o ciclo de *targeting*, permitindo aos comandantes tomar decisões com maior assertividade.

Por fim, é crucial compreender que a Inteligência no Nível Operacional possui os meios e o tempo necessários para realizar os principais levantamentos de Intlg, e que os produtos provenientes serão amplamente utilizados pelo nível tático. Assim, no próximo capítulo, será desenvolvida a capacidade da Intlg Mil em se articular com o ciclo de *targeting* de forma virtuosa, visando à sua efetividade.

## 4 A INTELIGÊNCIA MILITAR NO NÍVEL OPERACIONAL EM APOIO AO TARGETING

Para destacar novamente a importância da Intlg no ciclo de *targeting*, o manual *Army Targeting* afirma que:

O *targeting* bem-sucedido requer uma estreita inter-relação entre as funções de combate de Fogos e Inteligência. A preparação de Inteligência do campo de batalha e o desenvolvimento situacional de Inteligência são críticos para garantir o planejamento e direcionamento de fogos bem-sucedidos (EUA, 2023, p. 1-3, tradução nossa).

Da mesma forma, o manual da OTAN (OTAN, 2021, p. 2-5) afirmar que o suporte de Intlg ao processo de *targeting* é fornecido não apenas pela equipe de Intlg, mas por outros elementos da comunidade de Intlg. Contribuições de analistas de Intlg de várias fontes, analistas de imagens, especialistas em Intlg humana ou de sinais, entre outros, contribuem para o fornecimento de suporte de Intlg ao *targeting*. Ao longo do processo de *targeting*, as equipes de Intlg identificarão e coordenarão requisitos de coleta e exploração, gerenciarão o banco de dados de *targeting* e gerenciarão as listas de alvos.

Uma vez consolidado que o *targeting* e a Intlg são indissociáveis, será abordado como a Intlg poderá auxiliar nas diversas fases do ciclo de *targeting*. É importante salientar que, na atual doutrina brasileira, tanto nas Operações Conjuntas do MD, quanto na DMT do EB, não existe a previsão do emprego do processo ou ciclo de *targeting*. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que tal processo será implementado, para então verificar como a Intlg poderá apoiá-lo.

Para facilitar o entendimento, serão analisadas as diversas fases dos ciclos D3A e F2T2EA, identificando como a doutrina vigente de Intlg conjunta pode cooperar na sua execução. Além disso, serão levantadas as necessidades de atualizações ou modificações doutrinárias, visando permitir o emprego pleno da metodologia do *targeting*.

Na doutrina do MD existe a previsão de que a atividade de Intlg auxilie na seleção e engajamento de alvos da seguinte maneira:

No estudo dos alvos: a Atividade de Inteligência contribui para o processo de Seleção de Alvos, gerenciado pela seção de operações. Em particular:  
a) fornecendo elementos para definir os componentes de um alvo/sistemas de alvos e suas vulnerabilidades, com valor relativo. Apoia as decisões operacionais sobre as prioridades e a escolha do melhor vetor para sua anulação; e

b) na avaliação de danos, que dispõe sobre a avaliação dos efeitos dos ataques contra alvos específicos (Brasil, 2020, v.1, p. 85).

Conforme visto, a doutrina atual estabelece que a Seção de Operações gerencie o processo de seleção de alvos (Brasil, 2020, v.1, p.85). No entanto, com a implementação da célula de *targeting*, essa estrutura será responsável por essa atividade, o que requer uma modificação na doutrina vigente.

O manual afirma, ainda, que a Intlg irá contribuir com o fornecimento de elementos para definição de alvos, bem como na sua priorização e escolha do meio para engajamento. Acrescenta que dará apoio na avaliação de danos causados nos alvos batidos (Brasil, 2020, v.1, p.85). Portanto, existe a previsão, mesmo que não detalhada, do apoio da Intlg em diversas fases da metodologia D3A e F2T2EA.

No que se refere à definição de quais alvos deverão ser identificados, a primeira fase do ciclo D3A (Decidir) ou do ciclo F2T2EA (Encontrar), a consulta aos bancos de dados se mostra fundamental. Conforme destacado no capítulo 3, o CICOp integra os conhecimentos disponíveis no SIOP, no SINDE e nos demais órgãos que compõem o SISBIN, a fim de suprir as Necessidades de Inteligência, cujo levantamento já deverá ter sido iniciado ainda na etapa de Exame de Situação e Planejamento (Brasil, 2020, v. 1, p. 23). Dessa maneira, todos os integrantes do Sistema de Inteligência terão a oportunidade de contribuir com o ciclo de *targeting*.

No Planejamento Operacional, os militares designados para compor a célula de Inteligência do comando responsável pelo planejamento realizarão o estudo do Anexo Estratégico de Inteligência, da Análise Estratégica de Inteligência, das respostas às NI do PEECFA e dos respectivos bancos de dados, antecipadamente ao Exame de Situação Operacional, nas Reuniões Preliminares de Inteligência (RPI) (Brasil, 2020, v. 1, p. 95).

Para aprimorar a primeira fase do ciclo de *targeting*, a presença de um Oficial de Ligação de *Targeting* (O Lig *Targeting*), trabalhando de forma colaborativa com os militares da célula de Inteligência, facilitará o levantamento dos alvos que deverão ser detectados e engajados nas fases seguintes, o que poderá ensejar uma atualização na doutrina (EUA, 2023, p. 1-9).

O D-2, baseando-se nos dados, informações e conhecimentos reunidos, formulará a **Análise Operacional de Inteligência** ligada à situação existente, expressando as Possibilidades do Inimigo (Psb Ini) e as características relevantes do ambiente operacional (Brasil, 2020, v. 1, p. 98, grifo nosso).

A Análise Operacional relatada na citação anterior fornecerá informações valiosas para a elaboração de diversos documentos na célula de *targeting*, como a

LAHV. Com o apoio do O Lig *Targeting*, esse documento poderá ser refinado para as demandas da célula, influenciando positivamente a primeira fase do ciclo de *targeting* (EUA, 2023, p. 1-9).

Para a segunda fase do ciclo D3A (Detectar) ou do ciclo F2T2EA (Fixar), conforme mencionado no presente estudo, o Comandante Operacional não comanda diretamente meios ou forças militares. Assim, os sensores utilizados para localizar os alvos, ainda desconhecidos, estarão nas diversas F Cte (Brasil, 2020, v.1, p. 48). Para que essa demanda chegue às F Cte com oportunidade, poderão ser utilizadas as NI do *targeting* inseridas no POC.

Os meios de transmissão dessas NI poderão ser a RICOp ou até mesmo o Portal de Inteligência Operacional. Portanto, a célula de *targeting* deverá estar integrada a esses meios de TI da célula de Intlg para comunicação com as F Cte (Brasil, 2020, v.1, p. 94). Essa integração precisa estar prevista na Doutrina.

A RICOp poderá ser, particularmente, importante para a célula de *targeting* quando as F Cte detectarem alvos sensíveis/furtivos de alto valor. Essa rede de TI dará a celeridade necessária para que a célula de *targeting* avance para a próxima fase de “Engajar” no D3A e no F2T2EA e atinja o alvo com oportunidade (Brasil, 2020, v.1, p. 94). Essa celeridade poderá ser mais bem alcançada com a presença do O Lig *Targeting* auxiliando na operação da RICOp e do Portal de Inteligência, particularmente na retransmissão para a célula de *targeting* dos alvos sensíveis/furtivos que chegarem pelos meios de TI. Novamente, cabe destacar a necessidade de previsão do O Lig *Targeting* com a responsabilidade dessa atividade.

A importância da Intlg para detectar o alvo está destacada no manual estadunidense que trata da preparação de Intlg do ambiente operacional no nível conjunto, ao citar:

No nível operacional, o processo do Joint Intelligence Preparation of the Operational Environment (JIPOE) apoia o desenvolvimento de alvos determinando os momentos e locais previstos em que se espera que os alvos adversários apareçam (EUA, 2014, p. VI-19, tradução nossa).

A terceira fase refere-se ao “Engajar” no ciclo D3A e à quinta fase no ciclo F2T2EA. Nesse momento, a Intlg auxilia no fornecimento de informações essenciais para a aplicação das capacidades planejadas contra um alvo específico, garantindo o engajamento de forma eficiente. Além disso, a Intlg contribui para a compreensão

das características do alvo, suas vulnerabilidades e a melhor maneira de atingi-lo para alcançar os efeitos desejados (Brasil, 2020, v.1, p. 94).

A última fase dos ciclos D3A e F2T2EA é a “Avaliação”. Nessa etapa, os sensores de Intlg das F Cte poderão auxiliar a célula de *targeting*, fornecendo informações relevantes para analisar os resultados do engajamento e determinar se os efeitos desejados foram alcançados. Essa análise é importante para avaliar o sucesso da missão e fornecer suporte para um possível reengajamento, se necessário, conforme citado na publicação dos EUA que trata da preparação de Intlg do ambiente operacional no nível conjunto.

Os analistas do JIPOE ajudam a avaliar o cumprimento das tarefas apoiando os três componentes da avaliação de combate: avaliação de danos de batalha, avaliação da eficácia de munições e recomendações futuras de *targeting* e reataque (EUA, 2014, p. VI-19, tradução nossa).

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, foi possível verificar que, em todo o ciclo do *targeting*, seja ele o D3A ou F2T2EA, o O Lig *Targeting* na célula de Intlg mostrou-se essencial para o desenvolvimento das atividades. Ele poderá agregar as funções de Oficial de Inteligência-*Targeting*, Gerente de Coleta e Oficial de Inteligência de Artilharia de Campanha, conforme a doutrina do exército dos EUA. Como sugestão, o O Lig *Targeting* deve possuir as seguintes atribuições, conforme destacado:

- Manter o banco de dados de alvos atualizado;
- Aplicar os critérios dos padrões de seleção de alvos;
- Relatar alvos de alta prioridade;
- Auxiliar na priorização de alvos, atualizando os critérios de alvo com base em análises e informações de Inteligência atualizadas;
- Realizar análise preditiva sobre os alvos da LAAV com base em Inteligência de fontes múltiplas e padrões históricos, contribuindo para as tomadas de decisões;
- Garantir que o D-2 e os elementos de análise possuam os alvos de alta prioridade, o padrão de seleção de alvos e a matriz de orientação de ataque atualizadas;
- Conduzir e manter avaliações de danos de combate;
- Integrar e sincronizar os recursos de coleta, fornecendo compreensão de todos os meios;

- Priorizar os meios de coleta em apoio aos objetivos do comandante e auxiliar na designação de áreas de alvos de interesse;
- Facilitar o desenvolvimento, nomeação, priorização e execução de alvos;
- Integrar os sistemas de fogos e Intlg para apoiar a detecção, execução e avaliação de alvos;
- Coordenar com os escalões subordinados a atividade de desenvolver, nomear e priorizar alvos;
- Fornecer recomendações de reataque ou reengajamento;
- Fornecer direção e orientação aos elementos de Intlg sobre a LAAV, padrão de seleção de alvos e matriz guia de ataque; e
- Durante as reuniões da célula de *targeting*, fornecer uma visão geral da Intlg na Área de Responsabilidade.

Pela ampla gama de responsabilidades do O Lig *Targeting*, sua função poderá ser subdividida em outras funções ou poderá ser agregada uma equipe de militares que possam auxiliar o O Lig no desenvolvimento das tarefas.

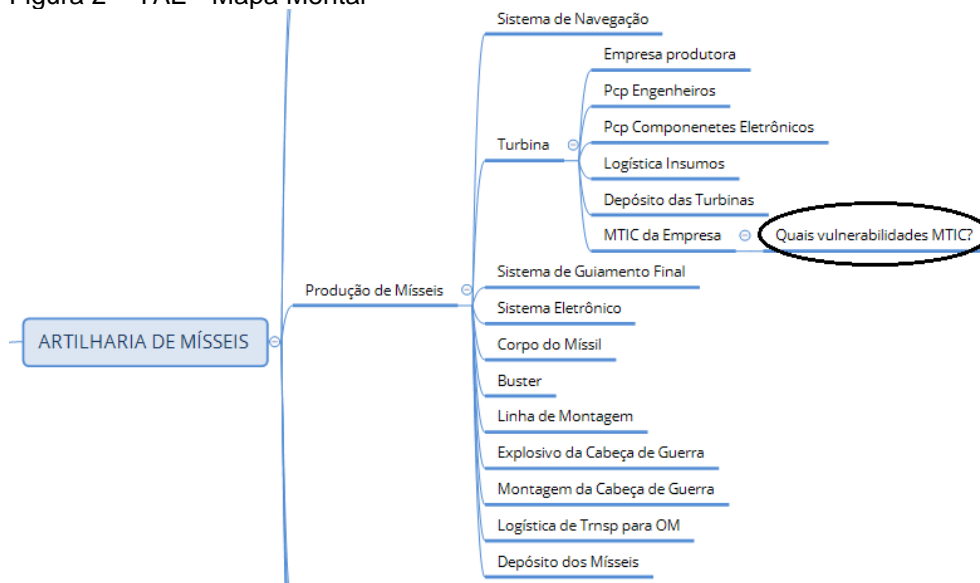
Conclui-se, parcialmente, que a presença de um O Lig *Targeting* na célula de Inteligência mostra-se imprescindível para consolidar e executar as diversas atividades relacionadas ao *targeting*. Dessa forma, a implementação dessas sugestões e a contínua adaptação das doutrinas militares garantirão um suporte sólido de Intlg ao processo de *targeting*, aprimorando a capacidade de resposta das Forças Armadas.

#### 4.1 A INTELIGÊNCIA MILITAR EM APOIO AO *TARGETING* – EXEMPLO HIPOTÉTICO

O EMCFA, em seu trabalho de Estado-Maior, concluiu que a artilharia de mísseis é uma capacidade crítica do inimigo e que a sua degradação será fundamental para alcançar o Efeito Final Desejado (EFD). Assim, na etapa do Exame de Situação e Planejamento, a Intlg, atuando no Nível Operacional, identificará as vulnerabilidades desse sistema e, em sinergia com a célula de *targeting*, levantará os Alvos de Alto Valor para o cumprimento da missão.

O CICOp, chefiado pelo D-2, em conjunto com o O Lig *Targeting*, aplicando a Técnica de Análise Estruturada (TAE) do Mapa Mental, realizará a modelagem e decomposição do alvo, por meio do DOAMEPI, conforme a Figura Nr 2.

Figura 2 – TAE - Mapa Mental



Fonte: O autor

Na captura de parte do Mapa Mental concebido no CICOp, a modelagem do alvo pelo Analista de Inteligência revelou, dentre outras, a NI de conhecer as vulnerabilidades dos Meios de Tecnologia da Informação e Comunicações (MTIC) da empresa que produz a turbina do míssil utilizado pela Artilharia de Mísseis da Artilharia de Campanha Inimiga.

A consulta aos bancos de dados disponíveis não respondeu a essa NI, que foi então enviada à FTC, por meio de um PI. A resposta constatou que a referida empresa não possui *backup* do seu servidor e que o nível de segurança dos seus MTIC é baixo. Esses dados, após processados, serão enviados, como Conhecimento, para a célula de *targeting* por meio da RICOp.

A célula de *targeting*, por sua vez, irá propor ao Comandante que esse alvo seja incluído na LAAV, na Matriz Guia de Ataque e na Matriz de Sincronização de *Targeting*, designando o Comando de Defesa Cibernética para engajar o alvo, caracterizando, portanto, a primeira e a segunda fase da metodologia D3A – Decidir e Detectar.

Uma vez iniciado o conflito armado, o alvo será engajado na terceira fase do ciclo de *targeting* e avaliado na quarta fase, confirmando que os MTIC da empresa foram severamente degradados em virtude de um ataque cibernético. Toda a cadeia de produção do míssil utilizado pelo inimigo será prejudicada, cooperando na degradação da Artilharia de Campanha Inimiga e, conseqüentemente, alcançando o EFD.



## 5 CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, verificou-se que a metodologia para identificar, priorizar e engajar ameaças em operações militares proporciona diversas oportunidades de aprimoramento da atual doutrina. Primeiramente, ela melhora a eficiência e a precisão do apoio de fogos cinéticos e não cinéticos, permitindo que as Forças Armadas direcionem seus recursos, que na maioria das vezes são insuficientes para as demandas, de maneira mais eficiente, resultando em uma economia de tempo, meios e esforço. Além disso, aumenta a segurança das tropas, minimizando o risco de danos colaterais e perdas civis, o que é fundamental para manter a legitimidade e o apoio às operações.

A capacidade de reagir rapidamente a mudanças no campo de batalha e de adaptar as ordens de operações conforme necessário também é significativamente aprimorado. Isso garante que os comandantes tenham as informações mais precisas e atualizadas para tomar decisões importantes. Finalmente, a integração de várias fontes de Inteligência fortalece a coleta e análise de dados, proporcionando uma visão mais abrangente e detalhada do campo de batalha.

A solução para alcançar esses benefícios reside na adoção de metodologias consagradas em outras Forças Armadas, como o D3A - Decidir, Detectar, Disparar (Engajar) e Avaliar e o F2T2EA - Encontrar, Fixar, Rastrear, Direcionar, Engajar e Avaliar. Essas metodologias, utilizadas no *Targeting*, oferecem uma estrutura sistemática e comprovada para gerenciar ameaças de maneira oportuna e precisa.

Os exércitos profissionais deveriam adotar essas metodologias para garantir uma maior probabilidade de sucesso em suas operações militares. A implementação desse processo melhora a segurança das tropas e a eficiência no uso dos meios disponíveis, evitando duplicação de esforços e proporcionando sinergia às capacidades operacionais, além de oferecer uma vantagem estratégica significativa em situações de conflito.

O presente trabalho teve por objetivo apresentar algumas contribuições que a Inteligência Militar, no Nível Operacional, pode proporcionar ao trabalho desenvolvido na célula de *targeting*. Foi tratado especificamente como as atividades previstas na Doutrina de Inteligência do Ministério da Defesa podem contribuir

durante o ciclo D3A e F2T2EA e as necessidades de aperfeiçoamento para atender as exigências do *targeting*.

A pesquisa buscou abranger a apresentação e definição de *targeting*, a identificação e as principais atividades da Intlg Mil no Nível Operacional, além de explicar como a Intlg pode colaborar durante o desenvolvimento e aplicação da metodologia de *targeting*.

Da análise das características da doutrina vigente e das atividades desenvolvidas pela Inteligência Militar no EMCFA, verificou-se que essa disciplina é fundamental para o *targeting*, com necessidades de aprimoramentos doutrinários. Dessa maneira, o emprego da metodologia de *targeting* contribui para alcançar o EFD do comandante, especialmente nas Operações Conjuntas. Destaca-se que, ao utilizar as ferramentas de *targeting*, é possível sincronizar Inteligência, Manobra, Sistemas de Apoio de Fogo, Sistemas Não Letais e Forças de Operações Especiais, atacando o alvo certo com o melhor sistema no momento ideal.

Como último argumento, foi apresentada uma lista com sugestões de atribuições para o Oficial de Ligação de *Targeting*. Essa função se mostrou essencial para realizar a ligação entre a célula de *Targeting* e a célula de Inteligência, trazendo a visão e as necessidades do *targeting* para os esforços da Inteligência, com reflexos na dinâmica, refinamento dos trabalhos e velocidade no ciclo D3A e F2T2EA.

Por fim, conclui-se que a integração entre a Intlg Mil e o processo de *targeting* é fundamental para o sucesso das operações militares. A colaboração estreita e bem coordenada entre as células de Inteligência e *Targeting* permite uma sinergia que maximiza o efeito dos fogos sobre os alvos de maneira eficiente e oportuna. A implementação da metodologia de *targeting*, com a necessária evolução doutrinária de Intlg, são imperativos para enfrentar as complexidades dos cenários de conflito modernos. Dessa forma, a aplicação dessas práticas não só eleva a capacidade operacional das Forças Armadas, mas também assegura uma postura de acompanhar as evoluções dos principais exércitos do mundo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Fundamentos Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. 2ª Edição. Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis - PITCIC**. EB70-MC-10.336. 1ª Edição. Brasília, DF, 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas**. MD 33-M-02, 4.ed. Brasília, DF, 2021a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Doutrina de Operações Conjuntas – MD30-M-01**. 2. ed. Brasília, DF, 2020. v. 1.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01**. 5. ed. Brasília, DF, 2015.

DI MARZIO, Giulio. O Processo de Targeting. **NRDC - ITA Magazine**, p. 14-15. 14. Ed. 2009.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Headquarters. Department of the Army. **FM 3-60 (FM 3-60): Army Targeting**. Washington, DC, EUA, 2023.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Joint Chiefs of Staff. **Joint Intelligence Preparation of the Operational Environment 2-01.3 (JP 2-01.3)**. Washington, DC, EUA, 2014.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). Joint Chiefs of Staff. **Joint Publication 3-60 (JP 3-60): Joint Targeting**. Washington, DC, EUA, 2013.

JOINT TARGETING SCHOOL (JTS). **Joint Targeting School Student Guide**. Dam Neck, Virginia, 2017.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). NATO Standardization Office (NSO). **AJP-3.9: Allied Joint Doctrine for Joint Targeting**. Edition B, version 1. 2021.

SHINE, Jonathan. Uma forma de executar o processo de targeting na Bda. **Fires**, p. 64-66, maio/jun., 2018.